

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 17 de Dezembro de 2014

Texto de referência: J. Carrón e D. Prosperi «NÃO SOU QUANDO NÃO ESTÁS AQUI», Revista Passos – Página Um (www.revistapassos.pt), pp. I-XVI

- *E se domani*
- *Il figliol prodigo*

Glória

Quem é crucial para nós? Quem é tão crucial na nossa vida que possamos dizer, com as palavras da canção da Mina que acabámos de ouvir: se o perdesse, «teria perdido o mundo inteiro, não só tu»? Quem pode responder verdadeiramente a esta nossa exigência? Só alguém que represente de tal modo o significado da vida que sem ele, sem a sua presença, eu perco tudo, fico desorientado, perdido. É isto que o filho pródigo teve de descobrir através dum caminho, um processo ao longo do qual a sua liberdade tinha tomado um certo pendor. Toda a vida nos é dada para descobrir isto: quem é tão crucial que se o perdemos, perdemos o mundo inteiro.

Eu queria colocar-te duas questões que surgiram na Escola de Comunidade que faço com alguns amigos; demo-nos conta que era mesmo necessário dirigirmo-nos a ti, porque têm uma relevância que nos parece importante neste momento. A primeira é esta: comentando a parábola do filho pródigo, mencionas o padre Spadaro, que no Meeting disse: «É preciso acompanhar os processos culturais e sociais, por quanto ambíguos, difíceis e complexos que possam ser» (As Periferias do Humano, de A. Belloni e A. Savorana, BUR, Milão 2014, p.53). O que pode querer dizer para nós, neste momento, acompanhar os processos culturais e sociais? É mais fácil perceber o que pode querer dizer acompanhar uma pessoa, mas o que significa acompanhar um processo cultural e social? E, ainda como especificação da questão: há processos que neste momento tu consideras mais importante acompanhar, que se tornam como uma indicação que dás a todos nós? A segunda pergunta muda o tema, embora tenha afinidades, porque parte do que o Papa disse ao Congresso dos Movimentos: o Papa Francisco apela-nos a «preservar a frescura do carisma [evitando] enrijecer-se em esquemas acautelados, mas estéreis». E acrescenta: «A novidade das vossas experiências não consiste nos métodos e nas formas, [...] que porém são importantes, mas na disposição para responder com renovado entusiasmo ao chamamento do Senhor». E ainda: «Se formas e métodos são defendidos por si mesmos tornam-se ideológicos, longínquos da realidade que está em contínua evolução» (Discurso ao III Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais e das Novas Comunidades, 22 de Novembro 2014, 1). Então perguntámo-nos: neste momento da nossa história, olhando precisamente para o movimento, tu identificas formas e métodos que acabaram por se afastar da realidade e que por isso nos afastam em vez de favorecer que estejamos dentro da realidade? Ou então pela positiva: qual é o chamamento do Senhor ao nosso movimento, o que é que nos pede agora?

Parece-me que uma pergunta deste alcance nos ajude verdadeiramente a olhar o contexto em que somos chamados a viver a fé, para podermos depois acompanhar a nós mesmos e aos outros dentro da circunstância actual. Se percebo bem o que diz o Papa, parece-me que sublinha que o mundo está em constante mudança, com uma velocidade que há uns poucos decénios nem sonhávamos. Isto está patente para todos, tal como é claro que todos estamos imersos nesta rápida mudança. Como podemos viver neste contexto? A primeira questão, a meu ver, é identificar quais são os processos mais cruciais do nosso tempo. Neste sentido, sempre me iluminou, como já recordámos noutros momentos deste ano, o juízo de Bento XVI sobre as grandes mudanças que começaram há alguns séculos, sobre o longo processo de que só agora se vêem todas as consequências. Dizia que «na

época do iluminismo [...] tentou-se manter os valores essenciais [da vida] da moral fora das contradições [como que para os manter à margem de todas as discussões ideológicas ou religiosas] e procurou-se para eles uma evidência [impressiona-me sempre o facto que o Papa use exactamente esta palavra, “evidência”] que os tornasse independentes das múltiplas divisões e incertezas das várias filosofias e confissões», porque se procurava «assegurar as bases da convivência e, mais em geral, as bases da humanidade. Naquela época pareceu possível, na medida em que as grandes convicções de fundo criadas pelo cristianismo na sua maioria resistiam e pareciam inegáveis». Parecia inegável que isto tivesse continuado até ao infinito. Impressionou-me a lucidez com que Bento XVI observa que «a procura de tal certeza asseguradora [...] fracassou» (*A Europa de Bento XVI na Crise das Culturas*, LEV-Cantagalli, Roma-Siena 2005, pp. 61-62). Isto agora já é evidente para todos, é um dado indiscutível, podemos encontrá-lo em cada questão da vida. Aquele processo gerou uma sociedade muito mais plural do que aquela em que nascemos, onde se põe tudo em questão e onde as grandes convicções de fundo já não são partilhadas. Vemo-lo na família, na educação, na sociedade, nas relações, é um fenómeno que toca cada vez mais todos os aspectos da vida. Numa entrevista por ocasião do Sínodo, o cardeal Scola dizia que «o confronto com a revolução sexual é um desafio talvez não inferior ao lançado pela revolução marxista» (*La Repubblica*, 12 de Outubro de 2014) em '68. Estamos diante de desafios que há uns tempos nem poderíamos ter imaginado. Em relação à palavra usada por Bento XVI, também *don* Giussani dizia já em 1987: «É como se [hoje] não houvesse mais nenhuma evidência real senão a moda» (*L'io rinasce in un incontro. 1986-1987*, Bur, Milano 2010, pp. 181-182).

Ou seja, encontramos-nos todos imersos nestes processos. Tantos dos nossos contemporâneos (e também tantos de nós, imersos até ao pescoço) já fizeram um percurso à procura de qualquer coisa e alguns já voltaram, verificaram que uma ideologia como a marxista já não funciona, ou uma certa modalidade de viver, da qual esperavam certos resultados, já não é adequada. Vimo-lo comprovado por tantas personalidades que apresentaram a *Vida de don Giussani*: personagens diferentes de nós na mentalidade, provenientes doutros contextos, de posições totalmente diversas, lendo o livro, vendo como *don* Giussani viveu certos processos, encontraram uma ajuda, uma luz ou, para usar a palavra do padre Spadaro, uma «tocha». Como é que fomos acompanhados por Giussani a viver os processos culturais e sociais? E que incidência tivemos neles? Na medida em que fomos postos em condições de viver e nos foi facilitado não errar o caminho diante de todas as mudanças que enfrentámos. Recordámo-lo na primeira lição dos Exercícios da Fraternidade, quando referi o que aconteceu em '68, de modo que pudesse ajudar-nos a enfrentar o desafio que temos diante agora relativo a certos direitos ou à revolução sexual (como foi para a marxista em '68). São desafios que todos temos diante de nós. Para não falar da educação, um desafio igualmente decisivo. Em todos estes processos como podemos acompanhar e acompanhar-nos? O que fez *don* Giussani? De que modo nos acompanhou? Através da geração dum sujeito capaz de não se deixar arrastar por estes processos, sem falhar constantemente o caminho, um sujeito para quem tudo isto sirva para um caminho. Há algumas modalidades de resposta que se demonstraram insuficientes. É evidente, por exemplo, que diante do desabamento de certas evidências não basta, dizia ainda o cardeal Scola, repetir o discurso correcto: «Pensa-se ainda, com um certo intelectualismo ético, que o único problema seja aprender a doutrina certa para depois a aplicar na vida: “A autêntica doutrina, uma vez proclamada, vencerá”» (*Tracce*, n. 8/2014, p. 31); isto já não funciona, vemo-lo bem. *Don* Giussani sempre nos disse que não basta a repetição formal da verdade para que alguém a assuma, fazendo-a própria. Exactamente por isto me impressiona o caminho do filho pródigo, porque ele sabia certas coisas, tal como nós as sabíamos e como tantos dos nossos contemporâneos as tinham recebido da Igreja, mas tudo isto não deteve o processo pelo qual hoje «já não há nenhuma evidência real». Só quem fez um caminho, só quem fez experiência pessoal dentro dos processos poderá acompanhar os outros a vivê-los sem desnorre. Porque só podemos comunicar aos outros aquilo que cada um de nós já adquiriu como experiência; mas às vezes parece que insistir neste caminho pessoal que cada um deve fazer seja desproporcionado e desadequado em relação a certos processos, mas *don* Giussani não o via assim: impressionou-me que apenas dois dias depois da

ocupação da Universidade Católica – a 19 de Novembro de 1967, dois dias depois! –, num retiro do Grupo Adulto, disse que aconteceu o que aconteceu porque os universitários do movimento não procuraram o Senhor dia e noite e isto não lhes deu a inteligência adequada para estar diante daqueles processos: «”E assim também a inteligência da situação e das coisas a fazer – que é uma inteligência diferente, mais aguda, porque é uma inteligência ditada do ponto de vista de Deus – faltou-nos tão facilmente porque [a Deus] não O esperamos dia e noite”. De facto, “se O tivéssemos esperado dia e noite, também a atitude dos nossos na sua convivência na Universidade Católica teria sido diferente”» (Vita di don Giussani, Bur, Milano 2014, p. 391). Eu desejo que nós façamos tesouro das coisas que nos disse don Giussani para poder incidir verdadeiramente nos processos em que estamos imersos hoje. Mas isto só é possível se nós não nos perdemos ao longo do caminho.

Pela primeira vez sei responder às perguntas que fazes. Na última Escola de Comunidade, fazendo referência à parábola do pai misericordioso, perguntaste: «De quanto tempo precisamos para perceber verdadeiramente qual é a nossa necessidade e assim poder redescobrir a graça de ter um Pai?». Sendo a mais velha de duas irmãs, sempre me identifiquei com o filho que fica em casa e que vê o seu irmão ser o preferido do pai. Não é que me tivesse faltado alguma coisa: escolas particulares, viagens ao estrangeiro... Depois de acabar a universidade, o desejo de constituir família e de ter uma vida própria foi crescendo cada vez mais: desejava andar pelas minhas pernas e não incomodar o Senhor com coisas sem importância. Tudo isto me parecia legítimo. Encontrei aquele que se tornaria o meu marido, pedi a minha parte da herança e casei-me; pensava que finalmente tinha tudo, tudo aquilo com que tinha sonhado: marido, filhos, casa, trabalho, numa palavra, aquilo que para mim significava a palavra “felicidade”. Obviamente que tive de enfrentar várias coisas: dificuldades económicas, doença, incompreensões, até mesmo infidelidades recíprocas, mas considerava o meu marido um dom do Céu e tinha confiança na Providência. Fui viver para a cidade e apesar de não “viver de um modo dissoluto”, pelo contrário, procurando por todos os modos construir uma família cristã, dei-me conta de estar cada vez mais distante d’Ele e percebi que o homem com quem me tinha casado não queria, na realidade, construir a família baseada nos valores que eu pensava serem partilhados pelos dois e que, para mim, tinham como ponto fundamental Cristo. Até o facto de ir à Missa ao domingo se tinha tornado um problema. Deste modo, aconteceu inesperadamente a penúria quando o meu marido me abandonou com filhos pequenos. Senti-me perdida: a desonra, a humilhação de ter sido rejeitada, os projetos feitos em pedaços, a falta de dinheiro, a angústia do processo judicial, o meu sofrimento e o dos meus filhos. Naquela difícil circunstância também eu procurei as bolotas da consolação de outro homem, bolotas que, felizmente – posso dizê-lo agora – nenhum me deu! Nessa altura, dei-me conta que era eu o filho pródigo e que a única coisa que queria era voltar para os braços do Pai. Um Pai que não me tinha deixado sozinha nem sequer um instante e que tinha os braços grandes e vigorosos dos meus pais, da minha irmã que eu invejava e que nunca tinha deixado de gostar de mim, dos meus primos e dos amigos do movimento. O mesmo movimento de Comunhão e Libertação que eu tinha encontrado duas vezes na minha vida e que tinha com ligeireza arrumado a um canto, apresentava-se diante de mim pela terceira vez. Entre os amigos do movimento há pessoas que não me deixam sossegada e com infinita paciência e tenacidade, não desistem de me testemunhar que sou amada e que não sou definida pelos meus limites e erros; e agora, no início dos meus 42 anos, posso dizer que sou uma pessoa feliz. Sim, feliz, porque cheia daquela alegria que só o encontro com Ele sabe dar. Eu precisei da trajetória de toda a minha vida para redescobrir a graça de ter um Pai e a minha liberdade teve de passar através de um abandono para descobrir a verdade de mim, mas estou grata por este percurso e reconhecida a don Giussani pelo precioso dom dos Memores Domini, gota originada do seu carisma, por cujas vocações rezo sem cessar.

Obrigado. Uma liberdade que quer afastar-se de casa e uma casa que a espera. Como acompanhou e desafiou don Giussani esta modalidade de pensar na liberdade como uma «fuga de», tão difundida

no nosso tempo, nos processos de que falávamos? Davide teve uma ideia e dá-nos um exemplo de como fazia don Giussani.

Davide Prosperi. Aquilo que me provocou na modalidade com a qual o Carrón voltou a propor a parábola do filho pródigo na Jornada de Início de Ano foi o seu confronto na experiência que creio que todos vivemos, ou seja, o juízo sobre o homem moderno e por isso sobre nós. Parece-me que é também este o fio condutor do testemunho que acabámos de ouvir e que me fez pensar imediatamente no nosso movimento original, porque a trajetória do filho pródigo não se concretiza apenas no sentimento dos próprios erros diante dos quais, graças a Deus, existe quem nos perdoe, mas, antes de tudo, numa pretensão de autonomia: de facto, nós temos tendência para nos afirmarmos, afirmarmos a nossa liberdade, como independência do vínculo real, histórico, experimentável que nos gera agora. Como se, para me afirmar a mim próprio, para poder realizar até ao fundo a minha humanidade, devesse afastar-me, cortar pela raiz este vínculo. Penso que, também em nós, até mesmo depois de tantos anos de experiência do movimento, se coloca esta possível dinâmica, pela qual me afirmo segundo aquilo que sinto, penso ou percebo eu como alternativa ao bem verdadeiro, concreto, real da nossa vida, que origina o eu real: o abraço do Pai. Aquilo que mais comove nesta parábola, pensando na nossa vida, é a esperança que nasce do facto que este abraço nos persegue, isto é, não diminui a constante possibilidade de regresso, de voltar a reconhecê-Lo. Então, pensando nisto, durante a Escola de Comunidade com os meus amigos, pensei voltar a propor um excerto do Concerto para violino e orquestra de Beethoven, porque me lembrava que Giussani tinha dado uma interpretação, segundo a sua também extraordinária sensibilidade musical, que documenta o cerne da questão.

(Escuta do primeiro moviment – I. Allegro ma non troppo – do Concerto per violino e orchestra in Re maggiore, op. 61, di Ludwig van Beethoven, Cd n. 6, Spirto Gentil).

Leio agora o que Giussani diz deste concerto, que foi editado na coleção musical Spirto Gentil: “O tema último da existência humana, em termos concretos, pode ser sintetizado assim: o homem nasce de, recebe tudo de. É impressionante o facto de que nada, daquilo que é próprio do nosso eu, seja nosso. E no entanto a tentação mais grave do homem é a de se conceber autónomo. É de tal modo grave que coincide com a substância do pecado original. O Concerto para violino e orquestra de Beethoven, que escuto há quase cinquenta anos desde as primeiras vezes em que comecei a ensinar religião no liceu Berchet de Milão, tornou-se para mim símbolo daquela tentação suprema, obstinada, contínua, do homem fazer-se dono de si, senhor de si, medida de si, contra a evidência das coisas. Desde que o Diabo disse à mulher: “Não é verdade que se comeres a maçã morrerás, pelo contrário, se a comeres tornar-te-ás livre, adulta, serás como Deus, conhecerás o bem e o mal”, desde então os esforços do homem para se tornar autónomo como cultura e como dinâmica de amor só se multiplicaram. Mas voltemos a Beethoven de há quase cinquenta anos. Nessa altura teriam podido ver pelas ruas de Milão um padre que andava com um gramofone enorme. E se alguém lhe tivesse perguntado: “Onde vais?” Teria respondido: “Vou para a escola”. “E levas o gramofone para a escola?!” “Pois, a escola não me empresta o seu gramofone, então eu levo o meu.” Uma das primeiras peças que fazia escutar na escola era mesmo o Concerto para violino e orquestra, com aquele tema fundamental que percorre todo o trecho: a vida do homem, da sociedade, está assinalada pela melodia da orquestra, da qual, por três vezes, o violino foge para se afirmar a si próprio e pela qual, por três vezes, é retomado até chegar a repousar em paz, como se dissesse “Finalmente”. O violino – o indivíduo – tem sempre a tentação de se separar num arranque fugaz para se afirmar a si próprio e exatamente nessa tentativa o instrumento dá o melhor de si próprio. Por isso, os motivos mais fascinantes do concerto são os do violino, do indivíduo que tenta afirmar-se acima de todos. Mas o violino não pode resistir muito tempo neste arranque e ainda bem que existe a orquestra – a realidade comunitária – que o retoma consigo. Lembrarei sempre o tremor que percorreu a classe quando fiz escutar pela primeira vez na escola este trecho de Beethoven: o violino exprimia uma tal angústia de sentimento que realmente nos fazia dobrar sobre nós mesmos. Aquele ardor era de tal forma sensível, na sua potência, que uma

rapariga, sentada no segundo banco ao lado da janela que dava para o pátio, rompeu num soluço. A classe nem se riu. Então, eu disse apenas que o lugar da paz é onde todos os ímpetos irracionais ou pelo menos incompletos, da instintividade, são recompostos: na comunidade. De facto, o que é que permite ao violino realizar os, já citados, três arranques, solitários e geniais, os três momentos mais pacificantes do concerto? O apoio da comunidade, da orquestra, à qual pode voltar em cada momento, que o retoma, que vai atrás dele e o retoma de cada vez que ele foge. O violino é o homem que espera nas suas forças momentâneas, sempre concebidas como isoladas, mais do que na tentativa comum ditada por uma origem e por um destino partilhados. Seja como for concebida, a tentativa de autonomia do indivíduo não pode ser justa, exatamente porque não tem verdadeira origem nem destino enquanto tal, e portanto, não pode criar história, pode suscitar um momento de emoção no tempo, mas imediatamente a seguir a ter agitado a superfície da água não pode fazer nada, não consegue ter um fim. A angústia que o tema fundamental do Concerto para violino e orquestra suscita – aquilo que provocou o pranto repentino daquela miudinha – é o emblema da espera de Deus que o homem tem» (L. Giussani, «A morada do eu» (nt), em Spirto Gentil. Um convite à escuta da grande música guiados por Luigi Giussani, de S. Chierici e S. Giampaolo, Bur, Milão 2011, pp. 135-137).

Um outro desafio que provoca constantemente cada um de nós, em família ou na educação dos jovens, é como acompanhar os processos dos nossos filhos ou dos alunos.

Na última Escola de Comunidade o rapaz que contou o desastre que teve e do facto de, numa situação objetivamente trágica, ter dito imediatamente aos amigos que não queria ser consolado mas sim ajudado a estar diante do Mistério. Ele despedaçou-me literalmente e fez-me rever com novos olhos uma situação que eu tinha vivido naquela manhã. Aliás, fez-me vê-la pela primeira vez. Tu disseste-nos: "Através deste imprevisto, um pormenor da realidade, que pode ser, como neste caso, algo estupendo ou então uma circunstância banal. Algumas pessoas dizem que estas coisas acontecem somente se se olham as montanhas e se vê uma coisa bela, enquanto que uma coisa má não fala, não desperta. Pelo contrário..." Pelo contrário, de facto... Naquela manhã, estava com a minha filha no médico. Teve um acidente que felizmente resultou apenas em duas feridas. Na manhã de quarta-feira o médico deveria ter tirado os pontos da sutura. Só que, apercebendo-se de que as feridas ainda não estavam curadas, decidiu não o fazer. Eu sabia que a minha filha queria muito "voltar à normalidade", apagar uma má recordação e tamanho susto, e intui a sua desilusão. Entrámos no carro e com o canto do olho apercebi-me de que estava a chorar. Então tentei dizer aquilo que qualquer mãe, zelosa e triste a ver a dor da filha, geralmente diz: "Vais ver que se o médico não te tirou os pontos, é porque está à espera que fiques tão bonita como dantes. Sê paciente, com o aquilo que te podia ter acontecido, já estás muita sorte." Etc, etc... Resumindo, tentei consola-la. Mas ao ouvir aquele rapaz percebi que o meu juízo estava completamente errado. Eu tinha-lhe oferecido uma consolação sem lhe abrir a estrada ao Consolador! Nessa altura disse para comigo: "Mas quem és tu para fechar este buraco onde o Mistério está a falar com a tua filha? Sabes lá tu se estas cicatrizes não são o modo com que o Deus está a dizer a tua filha: «Deixa-me ainda algum espaço, deixa-me entrar para que tu possas recordar-te que sou eu que te faço?»" E então escrevo-lhe um sms: «A mãe disse-te um disparate. Tomamos o pequeno-almoço juntas amanhã de manhã?». Ao pequeno-almoço aconteceu algo simples mas de uma intensidade incrível: contei-lhe o que me tinha acontecido ao ouvir-te e disse-lhe: «Vês, não chega agradecer a Nossa Senhora por o acidente ter acabado bem. Estávamos a perder o melhor. Cuida bem destas cicatrizes, são a Sua estima por ti que te pede para O deixares entrar mais uma vez.» Não sei o que é que isto trará à minha filha. Ainda assim, vi-a recomeçar com uma nova alegria e certeza, alegria e certeza de quem tem consciência de ter sido estranhamente preferida. E sei que isto me está a mudar também a mim. Quantas cicatrizes tive eu pressa em curar, sem as amar! Sem aceitar que eram o modo com que Ele me pedia para ser amado e guardado. Recomeço daqui. Não de uma consolação a fingir mas do verdadeiro Consolador. Outra coisa que me aconteceu foi a recolha do

Banco Alimentar. Entre muitos alunos que se juntaram no supermercado conosco professores, houve três que sobressaíram pela solicitude e letícia. São os da “primeira fila”, não por serem os mais estudiosos mas porque, por serem os mais vivazes, são mais espicaçados pelos professores para se dedicarem às disciplinas. Aconteceu um episódio com um deles que me fez perceber que eu não sou chamada a fazer a coisa certa mas sim a coisa verdadeira. Imaginando que tinha copiado o trabalho que fez na aula, decido interroga-lo. Ele não respondeu muito bem e eu pensando ser justa, decido dar-lhe aquilo que merece demonstrando que tinha razão ao duvidar dele. Mas quando estou quase a classificá-lo com insuficiente, não sei como, paro e olho para ele. Ele está cabisbaixo, entre a ira e o desconforto. «O que é que tem? No fundo é apenas um 9! Qual é o problema?». «Estou zangado professora: se tiver mais um 9 não posso tornar a ir ao futebol. Além disso isto desagrada o meu pai.» Por conseguinte digo para mim mesma que pode ser que este rapaz não goste da minha disciplina mas há alguma coisa que ama: ama o futebol e ama o seu pai. Por isso decido não fazer imediatamente o que, do ponto de vista profissional, ser-me-ia requerido, mas apenas a coisa que me pareceu mais verdadeira. Para mim e para ele. Porque quem sou eu para não olhar para ele como eu gostaria de o ser, alias, como sou sempre olhada? Digo-lhe então, entre o desconcerto e incredibilidade da primeira fila: «Esperemos um instante. Interrogo-te outra vez para a semana que vem.» E na semana seguinte, nada a dizer, um triunfo. Tinha estudado com um empenho exagerado, louvável. E tal como ele, dia após dia, todos os da primeira fila que tinham assistido aquela cena. Fazer a coisa verdadeira e não apenas a coisa justa libertou-me a mim, a ele, e a todos os seus companheiros. E mesmo a sua mãe, que quando veio à reunião de pais, disse-me com lágrimas nos olhos: «Não acreditava que se pudesse querer tao bem assim!» No fundo também ao filho pródigo deve ter acontecido algo semelhante. A coisa certa ele já a sabia. Teve que sair de casa para a poder reconquistar como verdadeira!

Parece-me que no discurso aos Movimentos, o Papa se refere exactamente a situações como esta, quando afirma que nos encontramos perante uma humanidade ferida, e isto faz parte dos processos de que falámos. Como vemos, o homem de hoje enfrenta problemas sérios a fazer as suas escolhas. E muitas vezes, a nossa tentativa é substituir-nos à liberdade das pessoas, porque estas delegam as decisões da vida nos outros. É preciso resistir, sublinha o Papa, a esta tentação «de se substituir à liberdade das pessoas e a dirigi-las sem esperar que amadureçam realmente» (*Discurso ao III Congresso mundial dos Movimentos eclesiais e das Novas Comunidades*, 22 de Novembro de 2014, 2). Sobre isto, nós também devemos mudar. O que temos de aprender? Esta resistência à tentação não significa que então nós nos devemos retirar da realidade; pelo contrário. Esta resistência a que o Papa Francisco nos convida não é para nós nos retirarmos, mas para aprender qual pode ser a modalidade mais adequada para responder à ferida da pessoa que temos diante. Releio a frase do Papa: «É preciso resistir à tentação de se substituir à liberdade das pessoas e a dirigi-las sem esperar que amadureçam realmente». Aquele estudante só precisou de uma semana para começar a mudar. Ao pensar nestas coisas, fiquei impressionado com um texto de Péguy que vos proponho: «Perguntem a este pai se o melhor momento/ não é quando os filhos começam a amá-lo como homens,/ Ele próprio como um homem,/ livremente,/ gratuitamente, / Perguntem a este pai cujos filhos crescem.// Perguntem a este pai se não existe uma hora secreta,/ Um momento secreto,/ e se não é/ quando os filhos começam a tornar-se homens/ livres/ e a ele próprio tratam como um homem,/ livre,/ amam-no como um homem,/ livre,/ Perguntem a este pai/ cujos filhos crescem.// perguntem a este pai se não há, entre todas, uma eleição/ e se não é/ Quando a submissão precisamente cessa e quando os seus filhos se tornam homens/ O amam, (o tratam), por assim dizer, como entendedores,/ de homem para homem,/ livremente,/ gratuitamente. Estimam-no assim./ perguntem a este pai se não sabe que nada vale/ um olhar de homem que se cruza com um olhar de homem./ Agora eu sou pai deles, diz Deus, e conheço a condição do homem./ [...] Todas as submissões de escravos do mundo não vale um belo olhar de homem livre./ Ou melhor, todas as submissões do mundo me repugnam e daria tudo/ Por um belo olhar de homem livre/ [...]. Sacrifiquei tudo a esta liberdade, a esta gratuidade, diz Deus./ A este gosto que tenho em ser amado

por homens livres/ Livremente/ Gratuitamente,/ por homens verdadeiros, viris, adultos, firmes./ Nobres, ternos, mas uma ternura firme./ Para obter esta liberdade, esta gratuidade, sacrifiquei tudo,/ Para criar esta liberdade, esta gratuidade,/ para deixar entrar em jogo em liberdade, esta gratuidade.// Para os ensinar a liberdade» (*Lui è qui*, Bur, Milano 2009, pp. 373-375). Neste processo, há muito por aprender, para poder amar assim. No trabalho, também há processos em que é preciso aprender constantemente.

Depois das perguntas que nos fizeste na última Escola de Comunidade, apercebi-me que o percurso que nos estás a propor serve-me sobretudo no meu trabalho. O meu trabalho consiste em ajudar os gestores seniores a estar mais conscientes de si, de maneira adulta e, assim, conduzir as suas empresas na complexidade. Para fazer este trabalho, temos de trabalhar muito sobre nós mesmos, não só através de cursos de formação a nível internacional, em grandes business schools, mas exercitando também uma grande disciplina em nós próprios, de escuta real, respeito, compreensão de nós próprios e, portanto, dos outros. Nos últimos meses, pedi a uma psiquiatra, analista e neurocientista, para trabalhar connosco durante uma tarde por mês, para nos confrontarmos com ela e melhorar continuamente a nossa abordagem. E esta psiquiatra, laica, agnóstica, durante o último encontro falou-nos (foi ela que nos falou!) da parábola do filho pródigo, dizendo que a única maneira de adquirir a liberdade é viver como o filho pródigo, e também da necessidade do pai, que nos faz descobrir a nossa identidade, da necessidade no sentido da realidade, e por isso, da responsabilidade que cada um tem no trabalho e, sobretudo, na condução de uma empresa. Estamos a falar de empresas com milhares de empregados no mundo. Enfim, o percurso que nos propões é exactamente o mesmo que guia o meu trabalho todos os dias. E digo-te a verdade: só se eu me tornar adulta, responsável, consciente, numa palavra, unida, é que posso trabalhar e encontrar os outros porque senão, como tu dizes, eu faço parte do problema, aliás, exacerbo-o.

*Em relação à pergunta que fizeste na última Escola de Comunidade: «Que percurso teve a tua liberdade de realizar para descobrir a verdade?», gostaria de contar a minha experiência. Há alguns anos aconteceu-me uma coisa muito dramática: o meu marido morreu de repente. Naquela circunstância de grande sofrimento, supliquei e gritei ao Senhor que me ajudasse a suportar a dor, porque não encontrava conforto em nada e não conseguia ter um segundo de paz. Cristo ouviu a minha súplica, encontrei-O no movimento que conheci exactamente naquela ocasião. Belíssimo! Descobri, pela primeira vez, uma correspondência enorme ao coração por causa da necessidade de verdade que tinha e que vivi, com maravilha, a predilecção que Cristo tinha e tem por mim. Tornou-se evidente quem sou, de onde venho, a minha origem, quem eu sou realmente. Nasceu um apego e um fascínio por esta experiência que desejo continuar a viver e uma grande necessidade de O reconhecer no dia-a-dia. A minha liberdade entra em acção na sequência do movimento, o lugar que me educa a viver o real, me torna consciente, me ajuda a conhecer e descobrir o sentido da vida. Nada pode preencher o sentido de insatisfação e vazio que experimentei e experimento muitas vezes, mas agora sei que existe, que existe Aquele que responde às minhas grandes necessidades, que as preenche e realiza. Assim se torna concreta a frase evangélica: «Estarei convosco até aos confins da terra». Estou grata à genialidade do método de Deus que, para nos encontrar, «se fez carne». Penso que vivi a experiência do filho pródigo que se conta na parábola: “ao tocar o fundo”, cheguei a intuir quem é o Pai para mim, que só Ele pode preencher a necessidade de felicidade que eu sinto. Por estes dias, li o livro de Giussani *In cammino* e, numa intervenção, fala-se de um cartaz de Natal que diz: «O caminho do Senhor é simples como o de João e André [...] Não existe outro caminho, no fundo...». E Giussani pergunta: «Por que é que é simples?». Intervenção: «Porque começaram a ir atrás de Cristo: por curiosidade e desejo. Não existe outro caminho, no fundo, além desta curiosidade desejosa despertada pelo pressentimento do verdadeiro»; e Giussani confirma, com enorme profundidade e de forma extremamente sintética, o “sumo” da questão: «Curiosidade desejosa despertada pelo pressentimento da verdade”: tirem uma destas palavras e tiram a vida». (*In cammino*. 1992-1998, Bur, Milano 2014, pp. 16-17).*

Aproveito para agradecer ao Senhor o dom que nos deu com a tua presença, sinal da Sua Presença.

Obrigada. Falamos agora de um desafio com o qual nos debatemos no presente, e que é o perdurar da crise económica com toda a necessidade que faz emergir. Um gesto no qual a maioria de nós participou recentemente procura responder ao processo de crescente empobrecimento. O responsável do Banco Alimentar sintetiza a modalidade pela qual foi dado um contributo a este processo.

Andrea Giussani – *A grande experiência que foi o último Banco Alimentar, com todas as histórias que pudemos ver e que foram contadas é seguramente a maior riqueza deste gesto, muito mais que o resultado prático, que no entanto registou um aumento de 2% nos alimentos recolhidos relativamente ao ano passado; o que, nestes tempos, é um dado excepcional, quer porque a crise se mantém, quer pelo facto de outras recolhas terem proliferado um pouco por todo o lado, o que é um bem no que se refere à difusão da caridade, apesar de muitas vezes se revelarem na realidade iniciativas pouco ordenadas e por isso pouco exemplares do ponto de vista do seu futuro. Portanto, no que se respeita ao maior resultado do Banco é isto: trata-se de um gesto que há 18 anos fazemos exactamente do mesmo modo e que propomos do mesmo modo, mas que em cada ano se redescobre e que novamente espanta. Este ano foi também enriquecido com ainda mais testemunhos, não só da parte de quem estava fisicamente – de quem era voluntário e de quem dava – mas também da parte de pessoas que não estavam, porque se viram forçadas a ficar em casa pela doença, pela invalidez ou por qualquer impossibilidade de participar, mas que se juntaram a nós, para além do testemunho, através de meios tecnológicos, fazendo o Banco a partir de casa. No final, a pergunta que nos pusemos foi esta: porque é que, ainda hoje, nesta situação de crise, as pessoas dão e sobretudo porque é que dão pessoas que encontramos e que outras vezes nos parecem hostis ou incomodadas? Primeiro que tudo porque a pobreza é evidente, é real, é nossa vizinha, não é poesia, não é uma coisa longínqua, está na nossa vida, encontramos-la nas nossas cidades, nos nossos bairros e talvez a experiência do banco Alimentar nos últimos ano e nos últimos meses soube indicá-lo melhor a todos. E porque o Banco Alimentar é um gesto simples, simplicíssimo, claro, sustentado em razões imediatamente compreensíveis, não censuradas, nem reduzidas, porque as dez linhas do convite para a recolha dizem exactamente aquilo que nós tencionamos fazer e são comunicadas por pessoas com a alegria de fazer o Banco, não como um dever ou como um turno a cumprir. Viu-se por todo o lado em Itália, vimo-lo porque estivemos juntos no sábado da recolha, famílias, idosos, crianças, turmas de estudantes, indigentes que eram voluntários, caixas dos supermercados que saíam do turno e vinham ser voluntários, presos em liberdade vigiada. É verdadeiramente uma Itália muito variada; sobretudo devemos reconhecer que o Banco Alimentar é contagioso, don Giussani definia-o como «o fundo comum dos italianos». Aquilo que vi acontecer este ano suscitou em mim uma reflexão talvez um pouco estatística: o Banco Alimentar movimentou cerca de 135 mil voluntários, dos quais no máximo um terço é proveniente da experiência do Movimento; quer dizer que todos ali chegam de outros percursos: são montanhese, pessoas de várias obras caritativas, da Caritas, das Conferências de S. Vicente de Paulo, às vezes transeuntes desconhecidos que param e dizem «quero dar uma ajuda, eu também», portanto recolhas pontuais. Porque é que acontece tudo isto? Como é possível? A resposta que experimentei dar-me e que nos demos na Fundação foi esta: porque o método que é vivido durante o Banco Alimentar, melhor ou pior percebido, é aquele que estamos a viver e de que tivemos testemunhos também esta noite; o método é assegurado pelos responsáveis da organização do Banco Alimentar, que o transmitem mas depois é encontrável pelas pessoas: o Banco Alimentar é uma coisa que serve ao próprio, uma iniciativa que a pessoa imediatamente reconhece como uma proposta e uma ajuda para agarrar e fazer. Estou a falar de tantas pessoas que provavelmente não sabem o que está na origem deste gesto, mas que encontram esta proposta e a vivem. No fazer este gesto simples, o método actuou, parece-me, sem reduções, integralmente e revela-se imediatamente*

atraente para todos, aumenta a capacidade de cada um, não no fazer pela sua cabeça, mas no seguir uma modalidade e uma aplicação prática que torna mais capazes e mais eficazes, mais felizes e por isso de alguma forma me faz reconhecer que está a responder também à minha necessidade. É verdade que a experiência do Movimento está dentro do gesto do Banco Alimentar, está na sua origem e no método, mas não é agitada como bandeira; na realidade é a alma deste gesto. A mim isto fez-me tomar consciência da grande responsabilidade educativa que temos para com a sociedade e as pessoas que acompanhamos no Banco Alimentar e que depois acompanhamos todos os dias, porque nós o encontro fizemo-lo ou dizemos tê-lo feito; por isso a responsabilidade é ainda maior e é uma experiência de missão, exactamente porque é guiada, porque educa, não porque sejamos melhores que os outros a dizer ou a fazer, mas porque seguimos. Neste sentido, a chamada de atenção sobre a relação, que fazia Prosperi, diz-me que as dezenas de milhares de pessoas envolvidas no Banco Alimentar encontram a possibilidade de uma ligação, empenham-se e põem-se em acção ainda mais entusiastas e mais felizes.

Agradeço-te porque o gesto do Banco Alimentar tem esta dimensão, esta incidência numa circunstância tão decisiva como a crise, que afecta tantas pessoas. É uma graça ter podido identificar num gesto uma possibilidade educativa com incidência, num processo como aquele que estamos a viver, desta envergadura. Esperemos identificar outros gestos que tenham uma possibilidade de incidência como o Banco Alimentar. Há tantas modalidades de intervir nestes processos, desde o nível pessoal, ao nível mais público e mais social, e quando encontramos os instrumentos adequados vemos o contributo que para todos podem representar certos gestos.

Porquê a Igreja

Concluimos com uma breve apresentação do texto da próxima Escola de Comunidade, que começará em Janeiro: *Porquê a Igreja*, o terceiro volume do “PerCurso” de don Giussani. Parece-me que desde o início o livro responde de forma estupenda ao tema que enfrentámos hoje, ou seja a queda das evidências. Don Giussani começou o movimento porque certas coisas começavam a não ser percebidas pelas pessoas que encontrava, a começar pelos miúdos do liceu. Há mais de 60 anos atrás deu-se conta que não era percebida a evidência que ele tinha recebido e que a tradição já não a conseguia mais transmitir. E qual é a sua preocupação? Desde o início introduz uma novidade metodológica: “Não estou aqui”, diz na primeira hora de aula, “para que retenham como vossas as ideias que eu vos dou, mas para vos ensinar um método verdadeiro para ajuizarem as coisas que eu vos direi. E as coisas que vos direi são uma experiência que resulta de um longo passado: dois mil anos” (Educar é um risco, DIEL, 2006 20). Durante todo o percurso, desde o primeiro capítulo do *Sentido Religioso* e da *Origem da Pretensão Cristã* até ao fim ou mesmo ao início de *Porquê a Igreja*, toda a preocupação é como podemos reconhecer aquilo de que se falará: como podemos reconhecer Cristo quando se fala da pretensão cristã e como podemos reconhecer a Igreja como continuidade da presença de Cristo na história. Não basta repetir um discurso, a repetição mesmo que justa não basta; se o conteúdo não for percebido em toda a sua densidade, as evidências não nos serão evidentes e assim não nos juntaremos a elas, não nos servirão para viver. Para isto, começemos já desde Janeiro a Escola de Comunidade procurando surpreender este método, do qual logo no Prefácio don Giussani nos faz perceber, porque sem isto nós podemos ler ou reler o livro e comentá-lo, mas não podemos entender verdadeiramente toda a dimensão do que é a Igreja se faltar aquilo que don Giussani introduz como factor de juízo: a experiência elementar, o coração, o sentido religioso. De facto a única possibilidade consiste na geração de um sujeito que torne o homem capaz de recuperar e de reconhecer as evidências mais elementares do viver. Sem isto a Escola de Comunidade reduzir-se-á simplesmente a fazer alguns comentários que não incidem de forma alguma nestes processos de que falámos esta noite e nos quais estamos mergulhados até ao pescoço, perdendo pelo caminho o método que don Giussani nos ensinou.

Lembro-vos o **Manifesto de Natal**, porque as frases que escolhemos, uma do Papa Francisco a outra de *don* Giussani, oferecem-nos desde já uma sugestão para um caminho.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar quarta-feira, 21 de Janeiro, às 21:30. Começaremos a trabalhar o Prefácio e o primeiro capítulo do *Porquê a Igreja*.

Audiência de 7 de Março de 2015. Queremos estar presentes na audiência que o Papa Francisco concedeu a todo o movimento no dia 7 de Março de 2015 abertos e confiantes no ouvir as suas palavras e indicações que nos querará dar sobre a estrada a seguir. Um momento privilegiado para nos prepararmos para o encontro na praça de S. Pedro será a missa de Fevereiro pelo aniversário da morte de *don* Giussani e do reconhecimento pontifício da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Sugerimos retomar a intervenção do Papa ao Congresso dos movimentos que citámos. Também colocámos na página do CL alguns vídeos significativos da nossa história, que podem ver em grupos. Recordo que o convite para a audiência é dirigido a todos, e por isso é uma ocasião para convidar os nossos amigos. As inscrições abrem no dia 15 de Janeiro e fecham no dia 12 de Fevereiro.

Livro do mês de Janeiro e Fevereiro 2015. Com o início de um ponto novo na Escola de Comunidade pareceu-me que poderia ser uma ajuda repropor *A Conversão ao Cristianismo nos primeiros séculos* de Bardy. Mesmo que muitos já o tenham lido, parece-me que relê-lo agora tenha um significado diferente, porque damo-nos conta que os processos dos quais falávamos anteriormente são muito mais parecidos, do que pensamos, aos momentos iniciais do cristianismo de que fala Gustave Bardy; encontramos-nos, de facto, numa sociedade totalmente plural, como aquela dos primeiros séculos. Ler o livro com esta consciência pode fazê-lo ser diferente relativamente ao que conhecemos, porque agora temos as perguntas que talvez antes não eram tão conscientemente claras em nós. Por isto parece-me um bonita ocasião poder-lo ler ou relê-lo com esta nova perspectiva.

Feliz Natal e bom ano a todos!
Veni Sancte Spiritus